



ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Linguística e Literaturas

Curso de Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Ramo Profissionalizante

Questões de tradução em *The Path to Power*, de Margaret Thatcher.

Vol. I

Milena Isabel Barão Vaz

Orientadora: Prof^ª Doutora Olga Maria T. P.M. Baptista Gonçalves

Co-Orientadora: Prof^ª Doutora Ana Clara Birrento

Évora, Outubro de 2011



ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Linguística e Literaturas

Curso de Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução.

Ramo Profissionalizante

Questões de tradução em *The Path to Power*, de Margaret Thatcher.

Vol. I

Milena Isabel Barão Vaz

Orientadora: Prof^ª Doutora Olga Maria T. P.M. Baptista Gonçalves

Co-Orientadora: Prof^ª Doutora Ana Clara Birrento

Évora, Outubro de 2011

Agradecimentos

Neste espaço de abertura, deixo um especial agradecimento a todos quantos contribuíram para a realização deste Trabalho de Projecto.

Em primeiro lugar, agradeço à Prof^a Doutora Olga Gonçalves a forma como orientou o meu Trabalho, por acreditar em mim mais do que eu própria acreditei e por, desde o primeiro contacto, ter tido a paciência, a disponibilidade e a palavra certa de encorajamento.

Agradeço também à Prof^a Doutora Ana Clara Birrento pelo acompanhamento e indicações valiosas que me ofereceu.

A todos os meus colegas, o meu Muito Obrigado.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha família pelo incentivo recebido ao longo desta fase da minha formação académica. Aos meus pais, e em especial à minha mãe, por me ensinar que o caminho para a liberdade passa pela educação. Às minhas irmãs, Sónia e Sara, pelo apoio incondicional e disponibilidade demonstrados. Ao meu primo e amigo, Carlos Mateus, pelo companheirismo e ajuda preciosa na revisão deste Trabalho, solicitude, e correcções técnicas.

Resumo

Questões de tradução em *The Path to Power*, de Margaret Thatcher.

O presente Trabalho de Projecto centra-se na tradução dos três primeiros capítulos de *The Path to Power* (“A Provincial Childhood”, “Gowns-woman”, “House Bound”), o segundo dos dois volumes da autobiografia de Margaret Thatcher, publicado em 1995, por HarperCollins Publishers.

Constituindo-se como um contributo para a disseminação em língua portuguesa do conhecimento acerca de uma personalidade de reconhecida importância na cena política britânica e internacional, o exercício de tradução de tais capítulos foi norteado por fundamentos teóricos advindos dos Estudos de Tradução, tendo simultaneamente proporcionado uma reflexão sobre aspectos diversos de uma prática que se apercebe como unitária e sobre algumas das dificuldades específicas que o género autobiográfico em causa impõe e que o estilo da autora motivou.

Palavras-chave: autobiografia, contributo, conhecimento, tradução.

Abstract

Translation Issues in *The Path to Power*, by Margaret Thatcher.

This Project Work focuses on the translation of the first three chapters of *The Path to Power* ("The Provincial Childhood", "Gowns-woman", "House Bound"), the second of the two volumes of Margaret Thatcher's autobiography, published in 1995 by HarperCollins Publishers.

Aiming to contribute to the dissemination of knowledge about a relevant figure in both the British and the international political sphere, the translation into Portuguese of the above mentioned chapters was underpinned by theoretical concepts of translation studies, having simultaneously enabled a reflection on several aspects of a process which is perceived as unitary and on some specific issues underlying both the autobiographical genre in question and the author's style.

Key-words: autobiography, contribution, knowledge, translation

Índice

Vol. I

Agradecimentos	v
Resumo	vi
Abstract	vi
Índice	vii
1. Introdução	- 1 -
2. Questões Centrais no processo de Tradução.	- 5 -
2.1. Breve introdução histórica.....	- 6 -
2.2. Diferentes teorias subjacentes à prática de tradução	- 11 -
2.3 O papel do tradutor	- 20 -
3. Questões de tradução <i>The Path to Power</i> , de Margaret Thatcher.	- 23 -
3.1. Questões de tradução no Género autobiográfico	- 23 -
3.2. Problematização de questões de tradução	- 26 -
5. Conclusão	- 48 -
6. Bibliografia.....	- 50 -

Vol. II

1. Notas Prévias	-3-
2. Tradução.....	- 4 -
3. Texto-Fonte (em suporte CD)	

1. Introdução

Integrado no âmbito do Projecto de Investigação *Paisagens do Ser: As Autobiografias Políticas de Cavaco Silva e de Margaret Thatcher - Um Estudo comparativo*, actualmente a ser desenvolvido no Centro de Estudos em Letras (CEL-UÉ), o presente Trabalho de Projecto centra-se na tradução dos três primeiros capítulos de *The Path to Power* (“A Provincial Childhood”, “Gowns-woman”, “House Bound”), o segundo dos dois volumes da autobiografia de Margaret Thatcher, publicado em 1995, por HarperCollins Publishers, e ainda não traduzido para língua portuguesa.

Constituindo o culminar de um ciclo de formação especializada em Línguas Aplicadas e Tradução, oferecido pelo Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora, a realização deste Trabalho apresentou-se como um desafio simultaneamente muito interessante e difícil, em virtude, sobretudo, das características próprias do género autobiográfico. Na verdade, traduzir autobiografia, ou partes de autobiografia, exige da parte do tradutor uma atenção redobrada no reconhecimento e percepção da natureza dos aspectos específicos deste género, o que lhe confere uma responsabilidade e sentido de ética acrescidos. Responsabilidade e ética que, embora inerentes a toda a prática de tradução, assumem na tradução de autobiografias, em minha opinião, um papel de relevo, na medida em que o tradutor tem não só de perceber os mecanismos discursivos de representação do EU, diferentes dos EU usados em ficção, na retrospectiva do mundo de experiência escolhido e actualizado pelo autor, como também de ser sensível às questões epistemológicas e ideológicas subjacentes à transposição a efectuar. Com efeito, traduzir um discurso de auto-representação com base em representações intimistas, baseadas na memória e nos sentimentos do autor, impõe ao tradutor o reconhecimento não só do que é dito a um nível superficial, mas também das correntes de pensamento, ideológicas e políticas da época em que o texto autobiográfico foi escrito. Mas para além deste conhecimento de uma esfera mais

pública do autobiografado, o tradutor tem de saber reconhecer ou ter a capacidade de investigar sobre a vida íntima e pessoal, tendo em vista a tradução historicamente verdadeira, sendo capaz de revelar aos outros, numa outra língua e numa outra cultura, os objectivos, as preocupações e as influências que rodeavam o autor no momento da escrita. O tradutor tem de saber investigar os modos como o discurso da auto-representação é produzido e opera nas relações familiares e sociais que, no caso específico deste trabalho de projecto, a autora escolheu representar, e entre estas e as estruturas da formação social, reproduzindo, resistindo e transformando as estruturas de poder, pois tem de ser capaz de reconhecer que a autora ao escolher representar e recordar uns acontecimentos omitindo outros reconfigurou a sua experiência passada através da enunciação.

Existe, pois, na escrita autobiográfica, a transformação de um passado em história - história que não existe para além do texto autobiográfico e que pode chegar a um público leitor mais vasto através da intermediação linguística e cultural do tradutor.

O papel de mediador é, pois, fundamental para o tradutor, na medida em que os horizontes de expectativas dos leitores serão ou não atingidos, na medida em que o tradutor for capaz de entender e traduzir as escolhas subjectivas que o autor autobiográfico faz. Escolhas que foram influenciadas por inúmeros factores exteriores e interiores em processos de significação específicos.

O objectivo da tradução é atingido quando é dada ao leitor a noção de que a narração horizontal de uma vida deixa entrever uma imagem de um Eu que resulta da intersecção da pessoa, dos factos históricos, e da construção textual, num contexto discursivo que é ele próprio ficcionado, envolvendo, tal como o processo de tradução, a transposição de experiência, o refazer do texto original.

Sendo três os capítulos alvo de tradução do segundo volume da Autobiografia de Margaret Thatcher, em virtude de a sua dimensão (cerca de cem páginas) ser ajustada ao tipo de

Trabalho requerido e ao tempo regulamentar para o concluir, nem por isso os aspectos acima referidos deixaram de presidir a este empreendimento de que agora presto conta, e ao qual espero poder vir a dar continuidade num futuro próximo. A eles farei referência no capítulo 3 deste Trabalho.

As dificuldades encerradas no processo de tradução dos três capítulos acima referidos, motivaram, necessariamente, uma reflexão aprofundada sobre o papel do tradutor na encruzilhada de culturas e de referentes culturais diversos, à luz de fundamentações teóricas advenientes sobretudo dos estudos de tradução, de modo a poder dar resposta a questões que se prenderam, nomeadamente, com as relações estabelecidas entre a autoridade/estatuto da autora do texto fonte, estadista britânica que marcou significativamente o rumo político, social e económico da Grã-Bretanha, e entre a representação do Eu e a sua tradução. Dessa reflexão darei conta no capítulo 3.

A problematização de algumas das questões/dificuldades com que me defrontei nos capítulos alvo de tradução, que se prenderam não só com vários tópicos que os fundamentam – família, sociedade, educação, política, religião - como também com o uso da língua inglesa, como são exemplo as expressões idiomáticas e os estrangeirismos, será ilustrada no capítulo 3 do Trabalho.

A tarefa que empreendi encerrou (encerra) alguns riscos de que desde o seu início estive consciente. Com efeito, ciente, embora, de que não há traduções perfeitas, porque sujeitas a um grau variável de subjectividade na interpretação dos actos comunicativos de um texto /discurso num tempo e cultura de chegada diferentes dos do original, sabia também que a tradução de parte da vida e da personalidade de um vulto maior da cena política britânica, cuja dimensão internacional é sobejamente reconhecida, me poderia causar, por isso mesmo, dificuldades acrescidas. Convencida, contudo, de que este poderia ser o início de um contributo relevante para o ‘movimento da memória’ entre lugares e culturas diferentes, para

o contacto e renovação cultural que o exercício de tradução naturalmente promove, deixei-me fruir a tarefa de mediação entre a minha própria memória e a de um Eu que a sua própria reconstruiu e articulou em níveis de significados e de sentidos que pretende sejam intemporais, comungando, embora, das palavras de Fernando Pessoa:

*Whether we write or speak or do but look
We are ever unapparent. What we are
Cannot be transfused into word or book.
Our soul from us is infinitely far
(...) the abyss from soul to soul cannot be bridged
By any skill or thought or trick of seeming.
Unto our very selves we are abridged
When we would utter to our thought our being.
We are our dreams of ourselves, souls by
gleams,
And each to each other dreams of others' dreams.*

(“35 Sonnets” 1918)

O leitor julgará...

2. Questões Centrais no processo de Tradução.

Início este capítulo afirmando, como Steiner (1975/1992: 13), que a tradução está formal e pragmaticamente implicada em cada acto de comunicação, na emissão e recepção de todas as modalidades de significado, seja no sentido semiótico mais amplo, seja nas interacções verbais orais e escritas mais específicas que diariamente efectuamos. Com efeito, a cada instante traduzimos o mundo em que nos inserimos, quando falamos e quando entramos em contacto com o passado, através da leitura ou da audição de documentos vários, quando convertemos um ‘texto’ escrito em música, num filme ou numa pintura. Nestas operações, somos forçados a interpretar, a codificar e a decodificar, a dar vida à linguagem no lugar e no momento da enunciação ou transcrição imediatas, ou para além deles. Steiner (1975/1992:246) defende até que *Only translation could ensure that modern man would not be deprived of the wisdom and profit of the past*, que na ausência de interpretação não haveria cultura, nem civilização, só um silêncio sem eco. De facto, enquanto leitores, somos tradutores de línguas que se falam também fora do tempo.

Ao longo dos tempos, a história, a teoria e a prática de tradução foi e tem sido alvo de um volume considerável de estudos, de modelos, conceitos e didácticas traductológicas, uns de natureza mais genérica, outros de natureza mais específica, revelando não raras vezes dicotomias ou posições integradoras, bifurcações entre teoria e prática, ou entre áreas disciplinares, como entre os Estudos Culturais e a Linguística, por exemplo. Talvez porque o próprio termo tradução tem vários significados, como o diz, por exemplo, Munday (2008:5): *it can refer to the general subject field, the product (the text that has been translated) or the process (the act of producing the translation, otherwise known as translating)*. Apresentar a síntese desse enorme volume de literatura produzida seria, naturalmente, impossível no âmbito deste Trabalho. Do caleidoscópio dos abundantes intertextos, seleccionei e explicito, pois, algumas das vozes que influenciaram significativamente a actividade de tradução

interlingual (Jakobson 1954/2004: 139) que fundamentou este Trabalho. Antes, porém, apresento um breve enquadramento histórico, advertindo, em ambos os casos, e fazendo uso das palavras de Hermans (1995:9), que:

The view presented here is therefore partial, in more senses than one: it is incomplete, and it is prejudiced (...) Of course, we all know that there is a certain bias in every statement and that no account is neutral, but is just as well to be reminded.

2.1. Breve introdução histórica

Como referi acima, são inúmeras as obras sobre a história, teoria e prática da tradução. A informação que de seguida apresento neste breve enquadramento histórico decorre essencialmente de Baker (1998), Bassnet (1999), Munday (2008), Newmark (1991), Steiner (1975/1992), Pérez (2007).

Ao longo da história da humanidade as traduções escritas e orais desempenharam, e continuam a desempenhar, um papel crucial na comunicação, proporcionando o contacto e o diálogo entre indivíduos, em todas as vertentes da sua mundivivência. Precedida certamente de esforços de teorização, a reprodução de mensagens para vários fins numa outra língua terá sido feita, ao longo dos séculos, de forma pragmática, como o é feito, atrevo-me a dizer, por muitos tradutores ainda hoje¹. De qualquer forma, podem identificar-se alguns períodos, sem que as suas linhas divisórias sejam absolutas, que muitos autores datam desde o tempo de Cícero (46 a.c.). Neles figuram as observações, as análises, as conclusões e os preceitos, mais ou menos polémicos, de uma plêiade de personalidades reconhecidas em várias áreas

¹ Veja-se a este respeito o que afirma Amparo Hurtado Albir (1996: 151 *apud* Pérez 2007: 18): *La traducción es básicamente un 'saber como', un conocimiento operativo y como todo conocimiento operativo se adquiere fundamentalmente por la práctica; el traductor no necesita ser un teórico, y no es necesariamente traductólogo ni lingüista.*

do Conhecimento sobre este terreno fecundo de intervenção. Na impossibilidade de os referir a todos, destaco, de forma aleatória, num primeiro período, com a duração de séculos (até ao principio do século. XIX), para além de Cícero: Horácio, S. Jerónimo, Quintiliano, Lutero, Wycliff, Montaigne, Chapman, Milton, Ben Jonson, Dryden, Pope, Florio, Cowley, Huet, Holderling, que oferecem uma orientação empírica decorrente directamente do seu trabalho como tradutores. Numa segunda fase (1792 – 1946), caracterizada por teoria e investigação hermenêutica (*e.g.* a análise do que significa ‘compreender’ um texto escrito ou oral, de acordo com um modelo geral de significação), em que a natureza da tradução é colocada no contexto mais geral das teorias sobre espírito e linguagem, e que já integra uma historiografia da tradução: Tyler, Schleiermacher, Schlegel, Humboldt, Goethe, Mathew Arnold, Ezra Pound, Paul Valéry, B. Croce, Walter Benjamin, Ortega y Gasset, V. Larbaud. Nela, a tradução assume uma categoria filosófica-poética, subsistindo um intercâmbio entre teoria e a necessidade prática para continuar (Steiner 1975/1992). A corrente apelidada de moderna teve início em meados do século XX, através de investigadores e críticos russos e checos herdeiros do movimento formalista, que se concentraram na aplicação da teoria linguística e dos métodos estatísticos à tradução. Debruçaram-se sobre as relações entre a lógica formal e os modelos de transferência linguística, tendo a linguística estrutural e a teoria da informação sido introduzidas na análise do intercâmbio interlinguístico (Steiner 1975:1992). Fundam-se então associações internacionais de tradutores profissionais e começam a multiplicar-se as revistas especializadas. Neste tempo de investigação intensa, focada nos aspectos lógico, contrastivo, literário, semântico, comparativo (ainda hoje alvo de desenvolvimento), sobressaem os nomes de Quine, Andrei Fedorov, R. Brower, Arrowsmith, Shattuck. No inicio da década de 1960, com a redescoberta do texto de Walter Benjamin intitulado *Die Aufgabe des Übersetzers*, de 1923, juntamente com as influências de Heidegger e Gadamer, assistiu-se a uma nova fase de investigação sobre a tradução e a

interpretação, sendo que o desenvolvimento das gramáticas gerativo-transformacionais abriu a oposição entre alguns investigadores (e.g. ‘universalistas’ e ‘relativistas’). Na década de 1950, recorde-se, o estudo da teoria e prática da tradução constituíra-se como um ponto de contacto entre as disciplinas já estabelecidas e as mais recentes, como por exemplo; a psicologia, a antropologia, a sociologia, ou entre elas e novos campos interdisciplinares, como a etnolinguística e a sociolinguística, sendo esse um chão fértil para a avaliação de temas e de hipóteses e para o desenvolvimento de técnicas e de fundamentos mais filosóficos. No final da década de 1960², confluíam no labor de investigação sobre o estudo da tradução várias disciplinas e campos interdisciplinares: a filologia clássica, a estatística lexical, a literatura comparada, a etnografia, a sociologia, a retórica formal, a poética e o estudo da gramática, com o objectivo de esclarecer o acto de tradução (Steiner 1975/1992), disciplinas e campos que mais tarde Baker (1998/2001)³ reconhece, como sendo

particularly exciting for the rich research potential they hold and the sheer intellectual energy they are capable of generating (...) hence the current interest in translation across a variety of disciplines, from linguistics to ethnography and from cultural studies to psychology, to name but a few.

O estudo da tradução como disciplina académica só realmente começou há cerca de sessenta anos, sendo conhecida como ‘Estudos de Tradução’, em muito graças ao académico americano James S. Holmes, que em 1972 assim a definiu, tendo-a descrito como: *the complex of problems clustered round the phenomenon of translating and translations* (Holmes 1988b/2004: 181 *apud* Munday 2008:6). Mais tarde, Snell-Hornby (1998/1995) referia no prefácio da segunda edição da sua obra⁴ *the breathtaking development of translation studies as an independent discipline*, bem como a *prolific international discussion* sobre os mesmos. Também Baker (1998/2001: xiii) se refere aos estudos de

² O Congresso da Associação Britânica de Linguística Aplicada, em 1969, foi um marco importante na difusão de exigências técnicas que o estudo da tradução implica (Steiner 1975/1992).

³ *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*: “Introduction”: xiii

⁴ *Translation Studies: An Integrated Approach*

tradução como (...) *perhaps the discipline of the 1990's. And indeed translation studies has not only fulfilled our expectations but greatly exceeded them.* (meu sublinhado). A importância desta disciplina pode atestar-se na proliferação de cursos especializados de tradução e interpretação oferecidos por várias instituições de vários países, como também pela proliferação de livros, revistas, conferências sobre tradução, de um conjunto de publicações relativas a outras disciplinas que nela também mantêm interesse (e.g. de linguística aplicada, literatura comparada ou línguas modernas), ou ainda de organizações internacionais (e.g. Associações, Federações).

Os passos necessariamente muito largos dados neste breve enquadramento histórico serão complementados mais abaixo, nomeadamente através da referência às polarizações várias que têm perpassado os Estudos de Tradução e afectado, naturalmente, de alguma forma, o tradutor. Antes convirá enquadrar a discussão que há cerca de dois mil anos se mantém. Na verdade, há questões essenciais sobre a natureza da tradução cujas respostas têm, durante este tempo, revelado acordo e desacordo nos preceitos e ideias advogados. Uma delas é a de se o tradutor é livre de expressar o sentido do texto fonte em qualquer estilo da sua eleição, outra a de se a tradução deve ou não ser literal, outra ainda, de natureza mais radical, a de se é realmente possível traduzir. Deixando as considerações sobre as duas primeiras para o ponto 2.2., mencionarei que a última, por estranha que à primeira vista nos possa parecer neste milénio de globalização intensa, marcou posições de ordem religiosa relativamente à legitimidade de se ‘passar’ de uma língua a outra. Lembremo-nos, por exemplo, das posições assumidas por S. Paulo, na primeira (14) e na segunda (12:4) Epístola aos Coríntios, ou, registe-se, como Steiner (1975/1992) refere, o tabu ainda mais radical do Judeísmo, o *Megillah Ta’anih*, que remontará ao século I d.c.⁵ Lembremo-nos ainda de que a questão da ‘intraduzibilidade’, referida por alguns autores ainda hoje (cf. Pym and Turk 1998/2001:

⁵ O mundo ter-se-á obscurecido durante três dias quando a Lei foi traduzida para grego.

273) de base primeiramente religiosa, teve também uma base secular, sobretudo depois do século XV, e com grande incidência na poesia. Assentou, como ainda hoje, na convicção de que dois sistemas semânticos não podem estabelecer entre si uma simetria totalmente real, havendo sempre uma perda fundamental relativamente ao texto original, pois que a significação dos signos, arbitrários, não pode dissociar-se da forma expressiva, integrados que estão em hábitos históricos e culturais específicos, fazendo com que não haja superfícies de transparência absoluta. Sabemos, de facto, que nenhum acto de fala ou de discurso pode ser ‘repetido’ de forma integral, que cada acto carece de precedentes, que é, ou pode ser, criador.

Mas a defesa da tradução tem igualmente, como se sabe, antecedentes místicos e religiosos. Recorde-se, por exemplo, o desastre da torre de Babel, ou as lutas motivadas pela necessidade imperiosa de traduzir o Evangelho noutras línguas, advogada por S. Jerónimo, Wycliff, Tyndale, Lutero ou Erasmo, só para citar alguns exemplos. Mas foram precisamente as considerações práticas envolvidas no ponto de vista religioso que ajudaram a teoria e a prática da tradução a desenvolver-se no que consideramos Ocidente. A necessidade de difundir a palavra sagrada noutras línguas faladas por povos distantes, ou de renovar as traduções já existentes em formas mais autênticas e mais acessíveis, como condição para o progresso espiritual do homem, fez com que, por analogia, a tradução se desenvolvesse no domínio secular, domínio que, como também se sabe, ‘usufruiu’, durante muitos séculos, da ciência e do patrocínio da Igreja. A difusão dos clássicos, por exemplo, a Ela se deve. De lembrar ainda a importância que Toledo assumira no final do século XII e princípios do XIII, como centro multilingue e disseminador de ideias por toda a Europa. Aí se realizaram traduções para latim de textos árabes e hebraicos (muitos deles traduções de originais gregos), com comentários dos seus tradutores a formar parte das traduções.

Retomando a questão da ‘intraduzibilidade’: nem tudo pode ser traduzido, de facto, pelo menos ‘no aqui e no agora’. Na verdade, há textos que só se deixam traduzir num determinado tempo, sujeitos que estão a uma perspectiva relativa de sensibilidade de compreensão ou de ideologia, no sentido mais amplo deste termo. Outros contextos há que se dissiparam, tornando opaca a interpretação que antes havia sido possível. Como dizem Pym and Turk (2001: 273):

Any agreement over what is or is not translatable, and exactly what criteria constitute translatability, will thus crucially depend on the different sectors of practice and research involved: the question of translatability may focus on the source or the target of translation; it may refer to the translation of literary, cultural, referential or pragmatic texts, or to the translation of entire life worlds and cultures.

A questão de se é possível traduzir não pode, pois, por evidência milenar, ser colocada desta forma. Com efeito, traduzimos no interior de uma língua, mesmo sem haver concordância absoluta entre pensamento e palavra, e de uma língua para outra. A tradução será, por isso mesmo, condição indispensável para a compreensão e aprendizagem de nós mesmos e do mundo que nos rodeia, usada *as a weapon that can be used to defend human rights and to favour understanding and peace between nations as well as individuals* (Anderman, G. and Rogers, M. 1999: 18).

Perante a inevitabilidade da sua prática, refiro em seguida algumas outras questões nela envolvidas. Questões que, sendo discutidas há milénios, se mantêm ainda em aberto.

2.2. Diferentes teorias subjacentes à prática de tradução

As abordagens à tradução, entendida como processo e como produto, têm sido diversas, revelando, como afirmam Hatim & Mason (1997:1) *an extraordinary number of dichotomies*

reflecting divisions which either exist or are supposed to exist between mutually exclusive opposites. Dicotomias que, assentes numa diversidade de enfoques teóricos, se têm de há muito revelado no uso de palavras/conceitos-chave, como sejam, por exemplo: ciência e arte, literal e livre, fidelidade e infidelidade, estrutura e conteúdo, equivalência formal e dinâmica, visibilidade e invisibilidade, equivalência e transferência, tradução literária e tradução não literária, teoria e prática, estudos linguísticos e estudos culturais, tradução humana e tradução automática, autor e leitor. Sinais de uma elevada produtividade no campo dos estudos de tradução, estas como outras dualidades podem, contudo, levar-nos a interrogar se se deve eleger e adoptar uma posição/teoria e excluir qualquer outra, ou se se deve considerar a integração de várias na prática que nos anima e na reflexão a que sobre ela normalmente procedemos. Em minha opinião, a resposta a estas questões é subjectiva, pois que o que para uns pode ser enriquecedor, para outros pode ser contraproducente. Aceitando que o conhecimento de diversas tendências teóricas pode conduzir a uma acção e reacção mais informadas por parte do tradutor ou futuro tradutor, haverá, contudo, situações em que, consciente ou inconscientemente, dependendo do problema concreto a resolver, o tradutor eleja uma em detrimento de outra ou integre várias de diversas proveniências, sabendo, no entanto, que a solução que acaba por pôr em prática talvez não seja a única nem a melhor mas sim a que elegeu nesse determinado momento, movido por um objectivo pragmático ao qual sempre subjaz uma ética. Como defende Nida (1991: 21), cada tendência teórica faz parte de um todo global e espelha *the different ways in which people go about the task of interlingual communication*, constituindo-se como *different perspectives* que este autor agrupa em quatro: a filológica (cf. noção de fidelidade ou de lealdade ao texto fonte), a linguística (focando-se nas línguas de partida e de chegada, sem atender às circunstâncias em que se produz a tradução), a comunicativa (tendo em atenção o emissor, a mensagem, o receptor, o contexto, o meio) e a sócio-semiótica (*e.g.* a multiplicidade de códigos de

transmissão, sabendo-se que a língua é um conjunto de hábitos adquiridos mais do que um constructo cognitivo), perspectivas essas que se desenvolvem na atenção dada ao texto de origem, às línguas implicadas, ao evento comunicativo ou à variedade de códigos usados pelos interlocutores, não devendo elas

(...) be regarded as competitive or antagonistic, but as complementary and supplementary. They do not invalidate one another but result in a broader understanding of the nature of translating. They do, nevertheless, reflect an interesting historical development as the focus of attention has shifted from emphasis on the starting point, namely the source text, to the manner in which a text is understood by those who receive and interpret it. Such development is quite natural in view of the fact that all communication is goal oriented and moves from the source's intention to the receptor's interpretation. (Nida 1991: 21)

Sendo os vários enfoques teóricos facetas parciais da tradução, nem sempre afins ou convergentes, sou, assim, de opinião de que se deve escolher os aspectos que em vários deles pareçam mais produtivos na resolução de problemas. De entre as várias formas que se podem considerar na tarefa de tradução, destaco agora somente algumas que têm influenciado o campo de estudos em questão e que me têm sido de auxílio ao longo da minha formação e prática.

Vinculada a um mínimo de duas línguas, a tradução é uma operação interlinguística, como bem se sabe. Alguns teóricos têm-se dedicado, por isso, à explicação de aspectos variados envolvidos na prática de tradução, adoptando uma abordagem linguística, como é o caso, nomeadamente, de Jakobson, Mounin, Catford, Chomsky, Hatim and Mason, ou Nida, seja a partir dos resultados de estudos desta disciplina à prática da tradução, ou desenvolvendo um quadro teórico linguístico, por oposição a teorias literárias ou económicas da tradução (Fawcett 1998/2001: 120). Centrando-se no problema do significado, a nível da palavra e da frase, usaram os conceitos de denotação, conotação, análise componencial, campos

semânticos, pressuposição. A importância destes conceitos desenvolvidos na área da Linguística na tradução, e a sua aplicação em linguística comparada, revela que significados e estruturas de significados de uma língua não equivalem aos de outra, como o afirma Fawcett (1998/2001: 122): *from a linguistic point of view, one could almost say that each language is full of gaps in relation to other languages*. Assim, o significado que é transferido na tradução é quase sempre contextual, envolvendo, normalmente, alguma forma de perda. Daí que, do ponto de vista da teoria linguística, se tenham definido técnicas de tradução que obviassem aqueles “vazios” e as relações que eles estabelecem entre línguas diferentes. Na correspondência a observar entre texto fonte e texto de chegada, estabeleceram-se, pois, ao nível da palavra e da frase, taxonomias várias, como por exemplo: equivalência, analogia, adequação, compensação, adaptação, empréstimo, calque, transposição, modulação. Ao nível da linguística do texto, porém, estas revelaram ser insuficientes, passando a considerar-se o nível de análise de registo (e.g. *tenor*, modo, domínio)⁶, a análise do discurso (e.g. estrutura temática, coerência e coesão) e a análise pragmática, compreendendo ela a teoria dos actos de fala, as funções da linguagem e do texto, como também o conceito de implicatura proposto por Grice.

Neste quadro de influência linguística, destaco agora dois autores: Jakobson e Eugene Nida, em virtude de me terem sido particularmente úteis na compreensão do âmbito de formação em que me insiro e na prática que comecei a desenvolver.

Jakobson - estruturalista e semiótico - foca a sua atenção na natureza do significado (*signatum*), defendendo que ele nos conduz ao signo (*signum*) (1959/2004: 139): *the meaning of any linguistic sign is its translation into some further, alternative, signs, especially a sign “in which it is more fully developed”, as Peirce (...) insistently stated e*

⁶ Cf. Fawcett (2001: 124): *tenor, which relates author to reader through a degree of formality and accessibility of the text; mode, which defines the channel used for communication and can therefore have an effect on the degree of spontaneity and reader participation in the text; and domain, the definition of which seems to vary from one writer to the next, but is in some way linked to function and genre*.

distinguindo três formas de interpretar os signos verbais, isto é, eles podem ser traduzidos em outros signos da mesma língua, noutra língua ou num sistema não verbal de símbolos. Estas formas poderão assim ser designadas e definidas como (1959/2004: 139):

- 1 *Intralingual translation or rewording is an interpretation of verbal signs by means of other signs of the same language.*
- 2 *Interlingual translation or translation proper is an interpretation of verbal signs by means of some other language*
- 3 *Intersemiotic translation or transmutation is an interpretation of verbal signs by means of signs of nonverbal sign systems*

No que diz respeito à tradução *interlingual*, a que aqui me ocupa, Jakobson considera não haver equivalência completa entre unidades dos códigos, enquanto que (1959/2004:139)

messages may serve as adequate interpretations of alien code-units or messages (,,) Most frequently, however, translation from one language into another substitutes messages in one language not for separate code-units but for entire messages in some other language. Such a translation is a reported speech; the translator recodes and transmits a message received from another source, Thus translation involves two equivalent messages in two different codes.

Equivalence in difference is the cardinal problem of language and the pivotal concern of linguistics (...). Any comparison of two languages implies an examination of their mutual translatability.

Os significantes mudam, efectivamente, de língua para língua, mas isso não pressupõe intraduzibilidade, já que, e recorrendo de novo ao mesmo autor (1959/2004:141): *Languages differ in what they must convey and not in what they may convey* (meus sublinhados). Ou seja, as características estruturais das línguas divergem obrigatoriamente (o *must* referido pelo autor), mas sempre se encontrará forma de expressar a mesma mensagem com estruturas distintas. Ou melhor, talvez só a poesia seja excepção, pois que nela só a transposição criativa é possível.

Eugene Nida, cujo modelo é influenciado pelo seu objecto de estudo: a tradução da Bíblia, partindo da premissa de que

since no two languages are identical, either in the meanings given to corresponding symbols or in the ways in which such symbols are arranged in phrases and sentences, it stands to reason that there can be no absolute correspondence between languages. Hence there can be no fully exact translation(...) there can be no identity in detail. (1964/2004:153)

e baseando-se no quadro teórico da gramática gerativa e transformacional de Chomsky, defende, também à semelhança de Jakobson, que não existem significados fixos para qualquer circunstância, mas sim que as palavras adquirem conteúdo semântico de acordo com os contextos e culturas em que são usadas. Propõe, pois, uma teoria de equivalência dinâmica, distinguindo-a da equivalência formal, considerando para tal a relação da linguagem com a situação social (o que, como se sabe, engloba uma das subdivisões da linguística, mais particularmente a sociolinguística)

one must in translating seek to find the closest possible equivalent. However, there are fundamentally two different types of equivalence: one which may be called formal and another which is primarily dynamic.

Formal equivalence focuses attention on the message itself, in both form and content. In such a translation one is concerned with such correspondences as poetry to poetry, sentence to sentence, and concept to concept. One is concerned that the message in the receptor language should match as closely as possible the different elements in the source language. This means, for example, that the message in the receptor culture is constantly compared with the message in the source culture to determine standards of accuracy and correctness.

(...) In contrast, a translation which attempts to produce a dynamic rather than a formal equivalence is based upon “the principle of equivalent effect” (Rieu and Phillips 1954). In such a translation one is concerned with the dynamic relationship (...), aims at complete naturalness of expression, and tries to relate the receptor to modes of behavior relevant within the context of

is own culture; it does not insist that he understand the cultural patterns of the source-language context in order to comprehend the message. Of course there are varying degrees of such dynamic-equivalence translations.
(1964/2004:156)

Entre estes dois tipos de equivalência existem diferenças que Nida identifica de forma clara. No que diz respeito à equivalência formal (1964/2004:161), ela é orientada para o texto fonte, ou seja, centra-se na revelação, o mais completa possível, da forma e conteúdo da mensagem original. Nela, o tradutor procurará, sempre que possível, reproduzir vários elementos formais, como unidades gramaticais (e.g. nomes por nomes; verbos por verbos, marcas de pontuação, parágrafos, bem como a manutenção de expressões e frases, de forma intacta), consistência lexical (concordância de terminologia; podendo igualmente introduzir parênteses ou itálicos para termos adicionados, de modo a poder sentido na tradução) e significados em termos do contexto original (reprodução mais ou menos literal de expressões), de forma a que o leitor da língua de chegada possa apreender a forma na qual se usaram elementos culturais para expressar significados.

A equivalência dinâmica, por seu turno, é orientada para o receptor do texto de chegada, sendo que ela (1964/2004: 163)

is not merely another message which is more or less similar to that of the source. It is a translation, and as such must clearly reflect the meaning and intent of the source. (...) One way of defining a D-E translation is to describe it as “the closest natural equivalent to the source-language message”.

Perante esta definição, Nida explicita o que entende por “natural” (1964/2004: 163):

a natural rendering must fit (1) the receptor language and culture as a whole, (2) the context of the particular message, and (3) the receptor-language audience. (...) A natural translation involves two principal areas of adaptation, namely, grammar and lexicon. In general the grammatical modifications can

be made more readily, since many grammatical changes are dictated by the obligatory structures of the receptor language. One is obliged to make adjustments as shifting the word order, using verbs in place of nouns, and substituting nouns for pronouns. The lexical structure of the source message is less readily adjusted to the semantic requirements of the receptor language, for there are numerous alternative possibilities.

Nas possibilidades indicadas pelo autor relativamente à estrutura lexical há três níveis a considerar: termos para os quais há paralelos; palavras que identificam objectos culturais diferentes mas com funções algo semelhantes; palavras que identificam especificidades culturais, estas não podendo ser evitadas na tradução, porque específicas de um contexto particular.

Conclui, assim, Nida, que

in addition to being appropriate to the receptor language and culture, a natural translation must be in accordance with the context of a particular message. (...) A truly natural translation can in some respects be described more easily in terms of what it avoids than in what it actually states(...). It is essential that it incorporate certain possible elements of style which provide the proper emotional tone for the discourse. This emotional tone must accurately reflect the point of view of the author. (1964/2004:164-165)

não esquecendo que a equivalência dinâmica envolve, inevitavelmente, um certo número de ajustamentos formais.

Centrando o processo de tradução no receptor do texto de chegada, que difere do receptor do original na língua, cultura e conhecimento do mundo, somos então convidados, como afirma

Fawcett (2001: 121) a respeito do autor

to see the translation process as one of adapting the source-language text to a different social group with what one might, for the sake of terminological comparability, call its own 'natiolect'.

Referindo-se à cultura em diferentes categorias: material, ecológica, social, religiosa, linguística (cf. Newmark 1988: 94-103), Nida defende três tipos de significado: o linguístico (segundo o modelo proposto por Chomsky), o referencial (denotativo) e o emotivo (conotativo), recomendando, para qualquer idioma, técnicas de estruturação hierárquica ('animal' é, por exemplo, o hiperónimo de 'cão', 'gato', ...) ou análise componencial (também usada por Newmark 1998: 114-124), na qual se estabelece a diferença de matizes de significado entre vocábulos de acordo com parâmetros múltiplos (e.g. 'mãe', 'filha', 'primo' distinguem-se por parâmetros de género, geração, parentesco). De referir que a contribuição da teoria de Nida em Tradução é dupla. Por um lado, devido à representação Chomskiana do processo de tradução⁷, por outro, na distinção que faz entre equivalência dinâmica e equivalência formal.

Outra perspectiva teórica é a perspectiva comunicativa dos textos, em que, sendo o texto e a textualidade o centro da atenção, se dá importância a conceitos com ele relacionados, ou mesmo integradores, como sejam; o contexto, a situação de comunicação, a análise do discurso, a pragmática, entre outros. O foco de atenção centra-se não nas convergências ou divergências entre diferentes sistemas linguísticos, mas na questão de a tradução ser um fenómeno comunicativo real, o qual nasce de um texto fonte (Pérez 2007: 65), produzido num espaço e num tempo bem definidos, num contexto situacional concreto, que normalmente afecta os usos e usuários da comunicação. Isso pressupõe o estudo de aspectos

⁷ Na gramática transformacional as frases assentam em estruturas profundas que se convertem em estruturas superficiais graças a regras de transformação. As estruturas mínimas são os "núcleos" (*kernel*), frases declarativas, simples e activas, que requerem transformação mínima, sendo que no processo de tradução são três as etapas que o compõem: análise, transferência e reestruturação. Nelas descodifica-se a mensagem original, que volta a codificar-se na língua de chegada. Por meio de uma transformação regressiva, a estrutura superficial do texto de partida destila-se em elementos básicos: verbos, substantivos, adjectivos, relacionais. Todos estes se transferem na mente do tradutor e se recompõem na estrutura superficial da língua de chegada, cuidando-se então dos aspectos semânticos e estilísticos. (Pérez 2007)

linguísticos, textuais e pragmáticos, sem esquecer aspectos semióticos e ideológicos. De entre os autores que defendem esta perspectiva, destaco Hatim and Mason (1990, 1997).

Na plêiade de perspectivas teóricas existentes sobre a Tradução, é impossível dar voz a muitos outros autores que nelas têm desempenhado um papel de relevo, seja divergindo de, ou integrando aspectos que a todas fundamentam, como acima referi. Aludirei, por isso, agora ao papel do tradutor, como parte integrante do processo de tradução.

2.3 O papel do tradutor

À primeira vista, poderia supor-se que a tradução de um qualquer texto é um exercício que oferece um grau reduzido de dificuldade, pois que o que o tradutor normalmente se propõe fazer é ‘verter’ um texto de uma língua de partida para uma língua de chegada, tentando ser fiel à intenção comunicativa do autor que originalmente o produziu. Contudo, como já mencionado acima, o problema que se levanta perante tal premissa é que a tradução não consegue reproduzir na íntegra todos os aspectos envolvidos no seu processo, sejam eles culturais, lexicais, gramaticais, semânticos ou de sentido, e nem consegue ela própria ser o original. Com efeito, nunca pode haver correspondência de um-para-um nas estruturas linguísticas de duas línguas, havendo que considerar igualmente um ou mais níveis de sentido, bem como os efeitos de intertextualidade presentes, de entre outros aspectos também aludidos acima. Neste sentido, Umberto Eco (2003) descreve aquelas que são as dúvidas de qualquer tradutor ao tentar responder à questão: “O que é traduzir?” Em sua opinião, a resposta mais imediata e reconfortante deveria ser: dizer quase a mesma coisa noutra língua. O ponto fulcral nesta afirmação reside no que significa dizer a mesma coisa, bem como na

definição de coisa (a mensagem que se pretende veicular), sendo que em determinados casos chega até a ser duvidoso o que quer dizer o verbo *dizer*, não se sabendo muito bem até que ponto é elástico o *quase*.

Peter Newmark (1988:21) manifesta-se também a este respeito, afirmando que não existe uma tradução única ou perfeita. Em tradução não existem regras estanques, não existe uma divisão entre o que é objectivo e subjectivo, nem certezas absolutas, concluindo que “Everything is more or less”.

Estando no meio de um confronto entre dois códigos, cada um deles com as suas próprias idiossincrasias, o tradutor terá de forçosamente constituir-se como seu mediador. É esse papel que George Steiner (1975/1992: 45), por exemplo, advoga: *the translator is a bilingual mediating agent between monolingual communication participants in two different language communities*. Ou que Edwin Gentzler (2001: 80), por exemplo, alarga à própria tradução: *Its mediating role is more than synchronic transfer of meaning across cultures; it mediates diachronically as well, in multiple historical traditions*.

Ou ainda Eco (2003:53) quando afirma que

the aim of a translation, more than producing any literal ‘equivalence’, is to create the same effect in the mind of the reader (obviously according to the translator’s interpretation) as the original text wanted to create. Instead of speaking of equivalence of meaning, we can speak of functional equivalence. A good translation must generate the same effect aimed at by the original.

Defende, este mesmo autor, por isso, que ao tradutor está cometido o papel de negociador: *Translators must negotiate with the ghost of a distant author, with the disturbing presence of foreign text, with the phantom of the reader they are translating for.* (2003: 174)

Perante as escolhas que tem de fazer, o tradutor terá de “negociar” as diferenças linguísticas e culturais, reduzi-las e encontrar um conjunto de novos conteúdos que permitam aos leitores da língua de chegada entender a mensagem veiculada.

Tal como Susan Bassnet (1988:30) o defende, quando afirma: *The translator cannot be the author of the SL text but as the author of the TL text has a clear moral responsibility to the TL readers*, na sequência do que havia já afirmado: *exact translation is impossible* (1980:29) ao reconhecer um certo grau de intraduzibilidade que naturalmente se impõe entre as línguas em confronto no exercício de tradução.

Newmark (1988:26) afirma ainda que *naturalness is easily defined, not so easy to be concrete about*, aspecto que é também sublinhado por Mona Baker (1992) quando refere a tensão existente entre a precisão e a naturalidade, sendo objectivo do tradutor produzir uma tradução que, mantendo o seu significado original, seja natural.

No cumprimento deste papel, de mediador ou de negociador, a noção de leitor crítico é-lhe, pois, intrínseca. Ela implica que para além do profundo conhecimento linguístico das línguas alvo da sua intervenção que tem de ter, é também necessário que tenha um conhecimento abrangente e global das culturas que, natural e inevitavelmente, lhe dão corpo, bem como dos domínios em que se especializa. Tarefa árdua e exigente esta, na verdade. Auxiliada, necessariamente, por instrumentos e ferramentas vários: desde dicionários unilingues e bilingues a gramáticas, passando por enciclopédias, glossários, bancos terminológicos ou memórias de tradução.

Foi imbuída também eu deste sentir, isto é, considerando-me como mediadora e negociadora, que procedi à difícil empresa que ora apresento. No ponto que se segue problematizo algumas das dificuldades sentidas na tradução do género autobiográfico, ao mesmo tempo que as ilustro.

3. Questões de tradução *The Path to Power*, de Margaret Thatcher.

3.1. Questões de tradução no Género Autobiográfico

Regressando ao que afirmei na Introdução a este Trabalho, a tradução de autobiografia, ou de partes de autobiografia, como é o caso em análise, requer por parte do tradutor uma atenção redobrada na percepção da natureza dos aspectos que lhe são únicos como género, o que lhe confere uma responsabilidade acrescida. Responsabilidade e ética, que, apesar de serem inerentes à prática de tradução, assumem aqui, em minha opinião, um papel de maior relevo, na medida em que traduzir um discurso de auto-representação intimista, baseada na memória e nos sentimentos do autor, exige, com efeito, ao tradutor o reconhecimento não só do que é dito, como também das correntes de pensamento, ideológicas e políticas que nele se entrecruzam. Para além do conhecimento de uma esfera mais pública do autobiografado, o tradutor tem de saber reconhecer ou ter a capacidade de investigar sobre a vida íntima e pessoal, tendo em vista a tradução historicamente verdadeira, tem de saber investigar e compreender os modos como o discurso da auto-representação é produzido e opera nas relações familiares e sociais que, no caso específico em análise, a autora escolheu representar, recordando uns acontecimentos e omitindo outros, reconfigurando a sua experiência passada através da enunciação.

Na escrita autobiográfica verifica-se, pois, a transformação de um passado em história, história que não existe para além do texto autobiográfico e que pode chegar a um público leitor mais vasto através da intermediação linguística e cultural do tradutor.

Neste quadro já de si complexo, e que exige conhecimento aprofundado de algumas disciplinas, foram várias as dificuldades com que me deparei. Na verdade, sendo esta a primeira vez que me dedicava à tradução do género autobiográfico, a primeira delas prendeu-

se com a escassez de estudos sobre a tradução de autobiografia⁸, os quais me poderiam servir de guia nos desafios a enfrentar, ainda que muitas das respostas às questões levantadas se possam encontrar no domínio da tradução literária, domínio em que este género específico se integra.

Nas palavras de Clifford E. Landers (2001: 171) *Literary translators perforce look upon the entire world as their domain; no area of human endeavor is beyond their purview*. Entender todo o mundo representado na autobiografia de Margaret Thatcher constituiu-se, porém, como uma tarefa nada fácil, tendo tido de, em primeiro lugar, activar conhecimentos sobre muitos dos temas que a compõem, com recurso a literatura ou documentação específica vária, bem como a alguns peritos em temas específicos, de que foram exemplo os âmbitos Militar e Político. No vai-vem de leitura e de interpretação do texto, na sua globalidade primeiro e depois dos três capítulos que tinha de traduzir, na relação dialógica estabelecida com o texto e entre o texto e a escritora, percebi que as escolhas feitas pela autora neste espaço discursivo e os recursos linguísticos actualizados que lhe deram forma teriam de ser alvo de uma negociação intensa, nas escolhas que teria eu também forçosamente de fazer. Escolhas que desde cedo me dei conta não seriam de fácil solução. Habitado por muitos Outros, o mundo da narradora é aqui dado a ver na diversidade e pluralidade dos seus objectos, ancorado em muitas narrativas: da sua família e amigos, das pessoas comuns com quem se cruzou, dos espaços onde viveu e dos que visitou, de cenas do quotidiano, de realidades sociais, económicas, políticas e religiosas, da sua experiência pessoal. Experiência que frequentemente é revelada em analepses, contribuindo assim para a construção do *ethos* que a autora quer projectar para o Auditório e para o entendimento da sua acção histórica em contexto. Tempos, lugares, sentimentos, emoções, aspirações, relações familiares e sociais – afinal o tecido do quotidiano – são, de facto, meios coesos e consistentes de retratar /

⁸ O único estudo de que tomei conhecimento é de autoria de Lejeune, P. (2009) “Le moi est-il international?”. In: *Biography*. Volume 32, Number 1, Winter.

representar a história de uma vida. E como acontece em todas as narrativas, as linhas da história contada são complexas, visto que não há uma única narrativa que ofereça um tema linear que se desenrole ao longo da biografia. Assim sendo, para além do léxico de uso comum e específico actualizado, haveria que atender a aspectos de natureza sintáctica, pragmática e cultural, não descurando igualmente o estilo.

Sabendo que o exercício de tradução pressupõe uma reescrita que não pode capturar na totalidade a essência do texto fonte, a negociação entre as duas línguas em confronto a que procedi teve várias vertentes. Na verdade, e embora partilhe, em parte, da posição de Clifford E. Landers (2001 : 5) *only literary translation lets one consistently share in the creative process*, e embora também muito influenciada por Nida (1969: 484) , no que este autor propõe sobre descodificação e codificação, nas fases que prioriza: análise do texto fonte, transferência, reestruturação e por fim a tradução dirigida ao seu receptor, atendi a outros conceitos que me pareceram de utilidade nesta operação. Efectivamente, constituindo-me como mediadora / negociadora, a noção de que haveria forçosamente perdas, e também alguns ganhos, no sentido em que não seria possível, como nunca o é, ser fiel a ‘dois amos’ (como também não é, por vezes, sê-lo a um só), tentei fazer uso de alguns dos que têm fundamentado a discussão em torno do que aqui nos ocupa, tentando, sempre que possível, integrá-los no objectivo a alcançar. Foi assim que avaliei a ‘traduzibilidade’ de alguns aspectos de natureza diversa constantes do texto fonte, tendo presente os aspectos formais, dinâmicos e funcionais implicados na ‘equivalência’/recriação a efectuar. Guiando-me pela voz de Eco (2003:56), que agora repito:

the aim of a translation, more than producing any literal ‘equivalence’, is to create the same effect in the mind of the reader (obviously according to the translator’s interpretation) as the original text wanted to create. Instead of speaking of equivalence of meaning, we can speak of functional equivalence. A good translation must generate the same effect aimed at by the original.

3.2. Problematização de questões de tradução

No processo de reescrita, e perante a abundância de narrativas sobre o mundo representado, vi-me obrigada a usar de uma metodologia de trabalho que me permitisse agrupar o conjunto de questões sujeitas a interpretação e avaliação mais demorada, porquanto específicas do contexto sócio-histórico-cultural original. Neste sentido, procedi ao seu levantamento e agrupamento, tendo por base, nomeadamente, a definição de cultura proposta por Newmark (2001: 94): *culture is the way of life and its manifestations that are peculiar to a community that uses a particular language as its means of expression*, bem como as categorias culturais propostas por Nida (cf. Newmark 1988: 94-103): “ecológica” (inclui elementos da geografia humana e física), “material” (integrando alimentação, vestuário, meios de transporte, entre outros), “social” (e.g. organizações sociais, políticas e administrativas), “religiosa”, “linguística”.

Num segundo momento, tive necessidade de refinar um pouco mais esta categorização, uma vez que havia aspectos que, referidos nos e comuns aos três capítulos, assim o requeriam. Acabei, pois, por agrupá-los em: Cargos Políticos/Política; Vida Militar; Igreja Metodista; Sistema de Ensino; Provérbios; Expressões Fixas/Idiomáticas; Expressões Estrangeiras. Este agrupamento permitiu-me uma melhor percepção de muitas das questões em que teria de me deter.

Ilustro em seguida algumas das dificuldades sentidas e as tomadas-de-decisão a que procedi, fundamentando-as. Por razão de clareza, apresento os exemplos em tabelas nas quais constam a versão original e respectiva página, a tradução proposta, bem como a categoria em que os inseri.

Faço notar ainda que neste Trabalho não incluí a tradução do índice do texto original, bem como da Lista de ilustrações, não ilustrando, por conseguinte, nenhum aspecto que lhes seja particular.

Começo por exemplificar algumas das questões que agrupei nas categorias acima referidas, dando depois lugar à apresentação de outras questões surgidas, muitas delas, evidentemente, transversais a toda a Autobiografia.

- **Cargos Políticos/Política**

No que diz respeito a esta categoria, verificam-se, inevitavelmente, diferenças profundas entre os dois sistemas políticos em confronto, facto que criou alguns problemas a vários níveis, tendo, por isso, recorrido a procedimentos diferentes. Não havendo equivalentes directos na língua de chegada, tentei encontrar equivalentes funcionais, que ilustro abaixo:

Página	Original	Tradução
56	Uncle Joe	Estaline
16	Mayoral year	Celebração do primeiro ano de Presidência da Câmara
21	Rate payer's candidate	Candidato independente

Nestes casos particulares, e depois de consultadas fontes unilingues *on-line* (vide bibliografia), optei pelas definições/explicações oferecidas, o que, no cotexto, não causava ‘ruído’. Por isso, esta opção assim tomada permitiu-me conjugar fluidez de discurso com a não sobrecarga de explicitações, quer entre parênteses, quer por processo de clarificação/expansão, quer ainda em nota de rodapé.

Nos exemplos seguintes, porém, optei por manter *Realpolitik*, uma vez que o vocábulo será do conhecimento de grande parte do público-alvo, como também o nome *Statute Book*, em virtude de o mesmo se referir ao documento oficial normativo, isto é, o que fixa o

enquadramento legal de actividades a realizar ou a desenvolver. Pareceu-me, pois, por isso mesmo, que deveria dar a conhecer ao público-alvo (ou a uma parte dele) a sua designação, tendo, contudo, optado por remeter a sua tradução, ou, como avisa Newmark (1998:83), o equivalente descritivo, para nota de rodapé.

Página	Original	Tradução
44	Rab Butler's Education Act was on the Statute Book...	A Lei da Educação do Ministro Rab Butler constava do Statute Book*.... *NT: equivalente ao Diário da República em Portugal
57	Realpolitik	Realpolitik
62	University seats	assentos parlamentares universitários

- **Vida Militar**

Neste âmbito, foi possível encontrar equivalentes directos relativamente às diferentes patentes militares:

Página	Original	Tradução
32	Commander	Comandante
33	Admiralty	Almirante

Debati-me, contudo, com várias questões que se prenderam, nomeadamente, com designações de esquadras, de pelotões ou até de individualidades, tendo tido a necessidade de, em alguns casos, recorrer a especialistas do ramo. Dependendo da necessidade ou não de clareza de contextualização, optei por manter, por vezes, a designação do original, sendo que numas explicitiei por extenso a sigla e noutras mantive a designação seguida de uma pequena nota explicativa ou remetendo para nota de rodapé. Noutros casos procedi à tradução:

Página	Original	Tradução
19	RAF man	piloto da Royal Air Force
19	Wing Commander	Tenente Coronel
32	Bomber Harris	Bomber Harris* ---- *Alcunha do antigo chefe do Estado-Maior da Royal Air Force.
32	...The Dambusters	Os “dambusters”, ou seja, os destruidores de barragens.

- Igreja Metodista

A Religião é um dos temas a que é dado grande destaque nesta obra. Certamente devido ao profundo sentido de religiosidade vivido por Margaret Thatcher, sentido, que, a julgar pela leitura da Autobiografia, a acompanhou desde sempre. Também nesta categoria tentei encontrar equivalentes funcionais, o que, em casos como os abaixo, não ofereceu dificuldade de maior. Mesmo para *Sunday School*, cujo significado foi possível apreender em *sites* fiáveis consultados (*vide* bibliografia).

Página	Original	Tradução
9	Sunday School anniversary	aniversário da Escola Bíblica Dominical
9	Carol Service	um coro de Cânticos de Natal

Outros casos houve que exigiram maior esforço de investigação, como foi, por exemplo, os que transcrevo, sobretudo o último, porque implicou a compreensão de conceitos advenientes da História da Religião. No que diz respeito a *Godliness*, entre as possibilidades: ‘santidade’, ‘piedade’, atributos de Deus’, ‘actos bons’ e ‘religiosidade’, optei por esta última, uma vez que no contexto era a que se melhor se adequava.

Página	Original	Tradução
36	Godliness	Religiosidade
37	Methodist Study Group	Grupo de Estudo Metodista
40	High Anglican	Anglicano de Tradição católica

Noutros casos, não traduzi vocábulos deste domínio religioso, como aconteceu, por exemplo, com *Sabbath* (p. 6), à semelhança do que a autora fez, nem forneci qualquer nota explicativa, em virtude de o mesmo ser conhecido do leitor comum.

• Sistema de Ensino

Esta foi outra categoria que causou problemas, pois os dois sistemas de ensino em questão apresentam, como se sabe, diferenças estruturais significativas. Seja a nível de designações de graus oferecidos, seja a nível de designações de profissionais do ramo ou de períodos lectivos, seja ainda a nível de ‘competências/objectivos’ a garantir, só para citar algumas delas. A minha principal preocupação foi a de encontrar equivalentes que fossem sobretudo funcionais, de modo a facilitar a compreensão imediata do leitor. A exemplificação que ofereço realça algumas das opções feitas. Relativamente aos dois primeiros exemplos, fui obrigada a recorrer não só ao contexto original, naturalmente, como também a literatura sobre os sistemas de ensino vigentes (as designações em língua inglesa estão ainda em uso), de modo a melhor poder decidir. Num primeiro momento, coloquei a hipótese de manter simplesmente as designações do original, sendo que isso, contudo, não produziria um efeito de clareza. Optei depois pelas traduções que apresento, sabendo, no entanto, que também elas poderão provocar algum tipo de interrogação por parte do leitor. Na verdade, a instituição de ensino ‘Liceu’, é (ou era), em Portugal, normalmente, uma escola pública. De qualquer forma, este vocábulo remete (na memória colectiva) para a possibilidade de os alunos acederem ao ensino superior, o que não acontecia, por exemplo, com as chamadas escolas comerciais ou industriais. Daí que tenha optado por esta solução, seguindo de perto o conceito apresentado no original.

No que diz respeito a *wartime degree*, por estranha que esta qualificação nos possa parecer à primeira vista, optei por uma tradução literal, a qual, no contexto em que a expressão se insere, não provoca dúvidas na mente do leitor.

Relativamente a *colleges*, optei pela tradução literal ‘colégios’, uma vez que a universidade de Oxford, como a própria autora refere, tem um sistema colegial. Já quanto a *third-year*

sixth, não foi fácil encontrar uma solução. Da explicação decorrente da consulta efectuada a *site*⁹, obtive a informação:

the sixth form (or Key Stage 5) is the final (optional) two years of secondary schooling when students are sixteen to eighteen years of age and normally prepare for their A-level examinations. The term is used for describing the final two years spent in a secondary school contrary to a sixth form college (UK use) where students start at age sixteen after leaving secondary school, o que me levou a considerar a escolha que apresento.

Página	Original	Tradução
21	Grammar School	Liceu
21	Comprehensive Schools	Escolas Públicas
34	'wartime degree'	'licenciatura de tempo de guerra'
34	...third-year sixth	[entrei para o] terceiro ano pós-secundário
34	Joint Head of School	Professora Assistente
36	Colleges	Colégios
35/46	Michaelmas term	primeiro semestre

Refiro, a título de curiosidade, que a própria autora se viu na necessidade de explicitar o significado de *public schools* para os leitores de língua inglesa: (...) *one of the better public (i.e. private) schools* (p. 3)

- **Provérbios e Expressões idiomáticas/fixas**

A tradução de expressões fixas e idiomáticas e de provérbios não é fácil, até pela sua própria definição. Com efeito, pertencentes, muitos deles, à memória colectiva de um povo, ou obedecendo elas a um padrão de combinação de itens lexicais - que só assim adquirem significado - possibilitado por um sistema mas não por outro, há que perceber também se sofreram algum tipo de erosão no tempo. Isto é, o tradutor tem de saber situar-se numa realidade linguística forçosamente diferente da que vive no aqui e no agora, pois as línguas

⁹ http://elycollege.com/academic/portuguese_education_system.php- acedido em Janeiro de 2011
http://en.wikipedia.org/wiki/Sixth_form-acedido em Janeiro de 2011

Questões de tradução em *The Path to Power*, de Margaret Thatcher

são dinâmicas, adaptando-se e traduzindo novas realidades. Ciente destes aspectos, tentei uniformizar o procedimento a seguir, que foi o de encontrar, sempre que possível, o equivalente funcional. Só quando tal não foi de todo possível realizei adaptações, as quais são evidentes nos exemplos que apresento:

Página	Original	Tradução
6	Nest egg	um pé de meia
25	Cut my teeth	Iniciei as minhas actividades políticas
41	Daydream	sonhar acordado
50	The pulse beat faster	faziam o coração bater mais depressa
51	Double standard	dois pesos e duas medidas
53	Bitter-sweet	Agridoce
57	Fly in the face	um claro desafio

No que diz respeito a provérbios, eles são em número muito reduzido. Talvez porque, como a própria Margaret Thatcher confessa:

Página	Original	Tradução
17	Later, in General Knowledge, I came across the mystery of ‘proverbs’. I already had a logical and indeed somewhat literal mind - perhaps I have not changed much in this regard- and I was perplexed by the metaphorical element of phrases like ‘Look before you leap’. I thought it would be far better to say ‘Look before you cross’ – a highly practical point given the dangerous road I must transverse on my way to school. And like other children before and after I triumphantly pointed out the contradiction between that proverb and ‘He who hesitates is lost’.	Mais tarde, nas aulas de Cultura Geral, deparei-me pela primeira vez com o mistério dos ‘provérbios’. Detinha já na altura um raciocínio lógico - talvez não tenha mudado muito neste aspecto - e ficava perplexa com o elemento metafórico de expressões como ‘Olha antes de saltar’. Na minha opinião seria muito melhor dizer ‘Olha antes de atravessar’ - um conselho bastante prático dada a estrada perigosa que tinha de atravessar no meu caminho para a escola. E tal como outras crianças antes e depois de mim, sublinhei de forma triunfante a contradição entre aquele provérbio e este outro ‘Quem hesita perdido está’.

De qualquer modo, os que a autora refere, bem como um outro que indico abaixo, não representaram dificuldade de maior na sua tradução:

Página	Original	Tradução
52	<i>grass never grows again</i>	quem muito empreende pouco acaba.

- **Expressões Estrangeiras**

Margaret Thatcher faz uso de alguns estrangeirismos, como já indiquei acima, os quais optei por manter na sua quase totalidade. Os vocábulos ou expressões oriundos de outras línguas, que ilustro, não oferecem dificuldades acrescidas de compreensão, até porque num segui o mesmo procedimento da autora - que foi o de clarificar o seu significado na frase - ou porque em português também alguns deles são usados. No que diz respeito a *Moiré*, optei por uma expansão, através da anteposição do nome ‘seda’; no que se refere a *Débâcle*, optei pela sua tradução, uma vez que, usado na expressão transcrita, era possível optar pelo equivalente que apresento, sem alterar o significado daquela realidade passada; quanto a *Anschluss*, decidi mantê-lo entre parênteses, depois de ter fornecido elementos de orientação na frase. Como ilustro abaixo, esta foi uma opção que me permitiu alguma economia e simultaneamente remeter directamente o leitor para a memória histórica. A própria autora clarifica o significado do vocábulo, por meio de aposição de informação.

Página	Original	Tradução
10	<i>La douceur de la vie</i> - how sweet life could be.	<i>La douceur de la vie</i> - o quão doce a vida podia ser
13	Moiré	seda Moiré
26	After the Anschluss in March 1938, when Hitler annexed Austria,...	Depois da anexação da Áustria (<i>Anschluss</i>) em Março de 1938 por Hitler,...
72	<i>junge Dame mit Charme</i>	<i>junge Dame mit Charme</i>
74	<i>coup de grâce</i>	<i>coup de grâce</i>
87	<i>Débâcle</i>	<i>Conflito do Suez</i>

Os exemplos que se seguem são de expressões estrangeiras já de uso comum em português, tendo-as, por isso, mantido, sem qualquer tipo de clarificação:

Página	Original	Tradução
15	Sex-appeal	<i>Sex-appeal</i>
35	Blackout	<i>Blackout</i>

Segue-se um conjunto de outras dificuldades respeitantes aos pontos específicos que identifiquei. Como referi acima, o seu agrupamento responde apenas à metodologia de trabalho que adoptei, pois que são parte integrante da textura discursiva.

- **Nomes Próprios**

A quantidade de nomes próprios evocados, inscritos na memória individual ou colectiva e reinscritos no discurso, revelam os mundos em que Margaret Thatcher se moveu. Com efeito, o universo de referências evocado remete para um mundo institucionalizado no qual vemos desfilar um sem-número de antropónimos, topónimos, crematónimos, cronónimos, etnónimos, acontecimentos nacionais e internacionais, designações de partidos políticos, de órgãos e instituições, britânicos e estrangeiros. A textura do seu discurso é assim também por eles cuidadosamente tecida, em consonância com a imagem de SI (Amossy 2005) projectada no discurso actualizado.

Constituindo normalmente a tradução de nomes próprios um problema – traduzir ou não traduzir? - os nomes próprios evocados nesta autobiografia não foram excepção. De facto, na dificuldade que muitíssimos deles apresentou foram diferentes os procedimentos que adoptei, tendo traduzido uns, não traduzido outros e até omitido alguns. Traduzi alguns

porque a sua tradução é já de uso comum na língua de chegada, ou porque, não o sendo, nem por isso levantam problemas de compreensão por parte do público receptor.

Página	Original	Tradução
9	London	Londres
37	River Thames	Rio Tamisa
33	... elevated to the Lords	[...à] Câmara dos Lordes
101	House of Commons	Câmara dos Comuns

Não traduzi muitos outros em virtude da falta de correspondência mais ou menos directa entre o mundo representado e o de chegada, tendo considerado ser preferível manter a designação original, em alguns casos explicitada por anteposição de elementos clarificadores:

Página	Original	Tradução
1	Grantham	Grantham
4	Remembrance Day	Remembrance Day
4	[our clocks by the] ‘Flying Scotsman’ [as it thundered through]	[acertávamos os nossos relógios pela passagem barulhenta do] comboio ‘Flying Scotsman’
7	... a special edition of <i>Bibby’s Annual</i>	Edição especial da revista <i>Bibby’s Annual</i>
8	...winner of a prize at the Grantham Eisteddfod for reciting poetry.	[...vencedora de um prémio por recitar poesia no] festival Eisteddfod de Grantham.
8	St. Wulfram	S. Wulfram
37	Cherwell	rio Cherwell
40	University Church of St Mary the Virgin	Igreja Universitária de St Mary the Virgin

Omiti ainda alguns, muito poucos, essencialmente por razões que se prenderam com a especificidade da cultura local, e usados em *common sayings*. No caso transcrito abaixo, a autora faz equivaler o significado de uma sigla a uma piada com um merceiro de nome Alfred Sidney “Alf” Roberts, sendo que a sua tradução não aportaria ganhos em termos de

sentido na língua de chegada. Assim sendo, optei por eliminar o nome e acrescentar o adjectivo ‘verdadeiro’ para intensificar o nome ‘purgatório’. Refiro ainda que optei por apresentar a explicação da sigla, que converti, entre vírgulas. Caso contrário, o contexto por si só não ajudaria a decifrá-la:

Página	Original	Tradução
25	ARP stood for Alf Roberts Purgatory	As PRA, ou protecção contra os raids aéreos, eram um verdadeiro purgatório

- **Formas de tratamento**

Começo por referir um aspecto relacionado com o emprego de formas nominais antecedidas de artigo, possibilidade que a língua portuguesa nos oferece e que a língua fonte raramente permite. Assim, foi problemático traduzir expressões, aparentemente inócuas, como: *Dennis and I* (p. xiii). Que fazer, então, neste como noutros casos semelhantes? Traduzir por: ‘o Dennis e eu’? Ou por ‘Dennis e eu’? Neste caso específico, optei por fazer uso do artigo definido, uma vez que o mesmo poderia, neste sujeito composto, indiciar um tom de afectividade (e, por isso, de informalidade) na relação entre os dois sujeitos – marido e mulher – relação que, podendo não ser *a priori* do conhecimento do leitor, fica também assim, e decorrente do contexto, mais evidente (só páginas adiante, Margaret Thatcher se refere a Dennis como seu marido)

De acordo com Cunha E Cintra (1984: 226): *Os nomes próprios de pessoas (de baptismo e de família) não levam artigo (...) Emprega-se, porém, o artigo definido (...) quando o nome da pessoa vem precedido de qualificativo (...) quando se pretende atribuir ao nome próprio um sentido depreciativo (...) quando o nome da pessoa vem enunciado no plural (...)*, optei por ignorar o artigo definido noutros casos, como por exemplo, em:

...a minha gratidão para com Eddie Bell e Stuart Proffitt da Harper-Collins (...). (P. xiii)
Tessa Gaisman ajudou-me (...). (P. xiv)

Note-se que também no primeiro segmento acima optei por fazer uso da contracção da preposição com o artigo, visto que isso permite exprimir a totalidade específica de um grupo, possibilitando assim ao leitor reconhecer mais facilmente tratar-se de editora e não de pessoa.

Devido ao emprego do pronome pessoal *you* para designar, sobretudo, a 2ª pessoa do singular e do plural, foi por vezes necessário entender o contexto na tomada-de-decisão entre o uso dos pronomes de tratamento ‘tu’ e ‘você’ e até de outro meio de referência. No primeiro exemplo transcrito abaixo, optei por traduzir o pronome *you* pela forma de 2ª pessoa singular, uma vez que o contexto informal em que se insere isso claramente o sugere. No segundo exemplo, optei pela forma de plural, indicada na desinência verbal, visto que a autora se refere à actividade profissional do pai mas que também envolvia os membros da família. Com efeito, na língua inglesa, ‘*you*’ is also used to refer to people in general, rather than to the person you are talking to or writing to.¹⁰ No terceiro exemplo transcrito, optei, também à luz desta definição, pela introdução do pronome relativo:

Página	Original	Tradução
4	you are always on duty	estávamos sempre de serviço.
60	What you really want is to be an MP, isn't it?	O que tu realmente queres é ser deputada, não é?
69	if you recruited twenty you were 'very little vermin'	Quem recrutava vinte membros era considerado como ‘rato muito malvado’.

Outra questão prendeu-se com a junção de formas de tratamento, de respeito ou de cortesia, a alguns nomes: *Mr Churchill*, *Mr. Attle*, *Miss Helen*. Que fazer? Traduzir estas formas por

¹⁰ Collins COBUILD English Grammar (2005 : 29)

‘o(a) senhor/senhora/menina + nome’? Optei por manter as formas do original, pois que o leitor estará certamente familiarizado com as mesmas. E também porque em português, *as formas você, e o senhor (a senhora) empregam-se normalmente nas funções de sujeito, de agente da passiva e de adjunto* (Cunha e Cintra: 295. Meu sublinhado).

Também no que disse respeito à aposição de títulos, nobiliárquicos ou outros, optei por não os traduzir, em virtude de os ter considerado como uma unidade semântica, constituindo os dois elementos um todo indivisível no reconhecimento dos sujeitos em causa. Assim:

Lady William ; Dame Sybil Thorndike ; Lord Colnbrook ; Sir Tim Bell Professor James Q. Wilson.

Outra dificuldade prendeu-se com aposições à esquerda e à direita do nome, como em: *Richard Ryder MP* ou *Sir John Stanley MP*. (p.xiv)

Tendo optado por traduzir a sigla *MP* por ‘deputado(a)’ noutros segmentos, e não por Membro do Parlamento, por esta não ser a designação mais usada em português, optei aqui por inserir essa mesma designação entre vírgulas, também à direita do nome: ‘Sir John Stanley, Deputado, ...’

- **Pronomes de 1ª pessoa**

Sendo esta uma autobiografia, é natural que a actualização do pronome pessoal de 1ª pessoa seja muito frequente. Pronome este que não pode ser ignorado, pois que explicita o sujeito da enunciação e ocupa o lugar devido num padrão sintáctico na língua fonte. Em língua portuguesa, contudo, os pronomes pessoais podem ser omitidos *porque as desinências*

verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, bem como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa. (Cunha e Cintra 1984: 284) Assim, optei por não repetir muito frequentemente o pronome pessoal ‘eu’¹¹, não tendo havido, pela razão indicada pelos gramáticos, qualquer tipo de perda, nem isso provocará algum tipo de incompreensão por parte do leitor.

Nasci num lar prático, sério e fervorosamente religioso (...) p. 11

E ganhei vários prémios em festivais musicais locais. O piano onde aprendi a tocar foi (...) p.21

Houve, contudo, alguns casos em que a forma verbal era comum à 1ª e 3ª pessoa do singular, e por isso a presença do pronome ‘eu’ foi necessária, de modo a evitar o equívoco:

levantou objecções úteis e garantiu que eu cumprisse vários prazos. (p.4)

Ou quando se chamou, enfaticamente, a atenção para a pessoa do sujeito:

perguntou-me se **eu** acharia útil registar os seus pontos de vista (..) p.6

Nesta altura era **eu** que tocava piano em casa (...) p.21

¹¹ Mas não, de forma totalmente consciente, pelas razões dadas por Cunha e Cintra (1984: 289): *Convém usar com extrema parcimónia as formas pronominais da 1ª pessoa do singular, especialmente a forma recta eu. O seu emprego imoderado deixa-nos sempre uma penosa impressão de imodéstia de quem o pratica (...)* (meu sublinhado)

- **Nomes**

Usados para nomear os ‘seres’¹² do mundo, os nomes permitem-nos a construção de sentido ao mesmo tempo que os nomeamos, sendo por isso cruciais em qualquer tipo de manifestação verbal. Tal como as outras classes de palavras lexicais (adjectivos, verbos e advérbios), os nomes são portadores de significado, e, mais especificamente, o principal meio de especificação referencial. Constituindo a classe de palavras lexicais normalmente mais frequente, também na autobiografia em análise eles abundam, em vários tipos, estabelecendo cadeias de referência que não só dão a ver a multiplicidade de entidades materiais e abstractas evocadas, como também permitem a coesão textual.

Não foi fácil traduzir ou tomar decisões relativas a um número significativo deles, no diálogo que Margaret Thatcher manteve com recortes vários da sua memória, estreitamente ligados a contextos históricos e culturais específicos. Mesmo com alguns que à partida não ofereciam dificuldades acrescidas, foi necessário compreender a ‘significação’ que neles se encontra, ainda que esta seja muito mais do que a soma das definições dadas pelo dicionário (Steiner: 1992). Foi pois necessário interpretar o ‘sentido’ implícito, o conjunto de denotações, conotações, deduções, intenções e associações contidas no texto, ‘sentido’ que é feito de sentidos múltiplos. A título de exemplo, refiro em seguida decisões que tomei relativamente a alguns:

Página	Original	Tradução
3	Tuck shop	Bar
5	I was born into a home which was practical, serious and intensely religious	Nasci num ambiente prático, sério e fervorosamente religioso.

¹² Cf Charaudeau 1992: 17-18

No primeiro exemplo, poderia ter optado por ‘retrosaria’, ‘cantina’ ou por ‘café’, já que, na busca do seu significado¹³, estas eram possibilidades. Percebi depois, pelos exemplos de uso oferecidos, e pelo contexto do original, que poderia reduzir as opções a ‘café’ ou a ‘bar’. Sendo, em minha opinião, esta última possibilidade mais consentânea com a realidade britânica, optei por ela.

No segundo exemplo, optei por traduzir *home* por ‘ambiente’. O conceito de ‘lar’ era óbvio, mas a colocação dos adjetivos, que poderia perfeitamente fazer equivaler, não me pareceu ser a mais frequente em língua portuguesa. Assim sendo, escolhi um vocábulo também ele abrangente daquele conceito, não perturbando a compreensão.

Nos exemplos seguintes, as decisões envolveram ponderação aturada:

Página	Original	Tradução
64	[this was quite definitely a man's world into which] not just angels feared to tread.	a mais audaz das mulheres pensava duas vezes antes de lá se aventurar
69	Aneurin Bevan's description in July 1948 of conservatives as 'lower than vermin' gave young Tories like me a Great opportunity to demonstrate their allegiance in the long English tradition of ironic self-deprecation. We went around wearing 'vermin' badges – a little blue rat. A whole hierarchy was established, so that those who recruited ten new party members wore badges identifying them as 'vile dermins'; if you recruited twenty you were 'very little vermin'. There was a Chief Rat, who lived somewhere in Twickenham.	Aneurin Bevan descreveu os Conservadores, em Julho de 1948, como “mais baixos do que ratos” o que proporcionou, aos jovens Conservadores como eu, a oportunidade de demonstrar a sua fidelidade para com a antiga tradição Inglesa de auto-depreciação irónica. Andávamos por todo o lado com os nossos crachás que incluíam a imagem de um pequeno rato azul. Foi inclusive criada toda uma hierarquia e quem recrutasse dez novos membros para o partido usava um crachá identificando-o como ”rato malvado”. Quem recrutava vinte membros era considerado ”rato muito malvado”. Existia até um Chefe Ratazana, que vivia algures em Twickenham.
77	[I assumed it would be] a nine days's journalistic wonder	fenómeno que em breve se dissiparia

¹³ Cf. http://en.wikipedia.org/wiki/Tuck_shop

No último deles, ignorei a referência ao numeral e aos dois nomes, procurando não estabelecer uma equivalência directa, a qual causaria alguma estranheza. Porquê nove e não oito ou dez, seria a pergunta que o leitor poderia fazer, sem ter qualquer tipo de informação para a resposta. Assim, percebendo, no contexto, que se tratava do conceito de ‘efemeridade’ (que é frequentemente o que acontece com notícias reportadas na imprensa) escolhi introduzir o nome ‘fenómeno’ para estabelecer referência anafórica, bem como reforçar essa ideia por meio do uso da locução adverbial ‘em breve’ e do verbo ‘dissipar’. Creio ter assim mantido naturalidade, sem atraiçoar o sentido.

No primeiro exemplo (*[this was quite definitely a man’s world into which] not just angels feared to tread.*), optei primeiro por traduzir o nome *angels* pelo seu equivalente directo, mas depressa abandonei esta hipótese, dado que aqui se trata, certamente, de uma metáfora. Assim sendo, tentei não só ir de encontro à constatação do facto referido, bem como interpretar o sentimento da autora, no seu contexto de vivência política e de traços de personalidade, dados a ver nas páginas da obra. Isto implicou a substituição do nome *angels* pelo nome ‘mulheres’, tendo tido a necessidade de lhe atribuir uma propriedade (qualificante) na forma de grau superlativo (‘a mais audaz das mulheres’), tendo isso contribuído para a caracterização daqueles mundos referidos no original.

Relativamente ao segundo excerto, optei por não traduzir *vermin* (em *lower than vermin*) por ‘verme’, seu equivalente directo, mas por ‘rato’. Desta forma, pude reforçar o sentido veiculado pela repetição dos nomes ‘rato’ e ‘ratazana’ na acção descrita.

Teria mais exemplos de escolhas a fornecer, não fosse a limitação de espaço imposta. Refiro, contudo, ainda, para concluir este ponto, dois outros casos em que ponderei. Trata-se dos títulos dos Capítulos I e II, respectivamente: *A Provincial Childhood* e *Gowns-Woman*. No primeiro, a presença do adjectivo *provincial* fez-me, num primeiro momento, pensar em

‘provinciana’, um adjectivo também na língua alvo. Esta hipótese seria aceitável: ‘uma infância provinciana’, mas o seu uso poderia recair na acepção pejorativa que o referido adjectivo também tem. Tomei então a decisão de o substituir por um nome, obtendo, assim, um efeito de maior ‘neutralidade’: ‘Uma Infância na Província’.

No que diz respeito ao segundo, foi difícil apreender o seu significado, como difícil foi tomar uma decisão. Sendo o título constituído por dois nomes separados por travessão, pareceu-me que o poderia traduzir usando uma relação de dependência directa entre os dois elementos. Isto é, apesar de não haver marca de caso genitivo, nem de anteposição directa de um dos elementos constitutivos, considerei inicialmente a possibilidade: ‘Trajes de Mulher’. Do desenvolvimento oferecido no capítulo, não me pareceu, contudo, que esta fosse uma boa solução. A essa mesma luz, considerei então que o título *Gowns – Woman* poderia ser visto como uma metáfora referente à construção de uma imagem pública de uma Mulher que vai adquirindo uma roupagem política, desenvolvida também no tempo que passou em Oxford. Assim sendo, optei por manter os dois nomes que, mesmo formando um composto, adquirem significado de *per se*: ‘Trajes – Mulher’

- **Adjectivos**

Girando à volta dos nomes, normalmente para lhes modificar o sentido, os adjectivos, quer marquem uma qualidade, quer uma relação, são usados para atribuímos propriedades aos “seres”, de acordo com o modo objectivo, subjectivo ou avaliativo como apercebemos e construímos a significância do mundo¹⁴.

À semelhança dos nomes, também esta categoria formal é muito frequente no texto fonte, em construções que variam sobretudo entre a sua anteposição ao nome (em função atributiva) e a

¹⁴ Cf. Charaudeau 1992

posição mediada por verbos de cópula (em função predicativa), ou ainda por aposição (por meio de vírgulas, por exemplo). Houve casos que me ofereceram algumas dúvidas, relativamente ao significado e à posição a atribuir. Com efeito, em língua portuguesa, podemos colocar adjectivos directamente antes e depois do nome qualificado (epíteto), produzindo isso, contudo, *nuances* semânticas conformes com uma determinada intenção de comunicação. Ilustro o que acabo de referir com dois exemplos, um relativo a significado, outro a posição dos adjectivos:

Página	Original	Tradução
5	He [my father] was a powerful preacher	Era muito bom pregador
5	Behind the counter, there were three rows of splendid mahogany spice drawers with sparkling brass handles, and on top of these stood large, black, lacquered tea canisters.	Atrás do balcão havia três filas de magníficas gavetas de mogno para especiarias com puxadores de bronze reluzente, encimadas por caixas de chá, grandes, pretas, lacadas

No primeiro, optei por traduzir *powerful* por ‘muito bom’, apesar de mesmo assim lhe poder retirar alguma carga semântica original. Perante a possibilidade de colocação de ‘poderoso’ com ‘pregador’, à semelhança de: ‘mecanismo poderoso’ ou de ‘palavra poderosa’, por exemplo, optei por escolher aquele adjectivo juntamente com um modificador de quantificação, em virtude de ter considerado que o próprio contexto: *my father was in much demand as a lay preacher in and around Grantham (,,) whose sermons contained a good deal of intellectual substance* ajudaria na qualificação atribuída.

No segundo, e ao contrário da versão original em que os adjectivos *large, black, lacquered tea [canisters]* assumem função atributiva, isto é, estão colocados antes do nome por entre vírgulas, optei por posicioná-los depois do nome, também separados por vírgulas, como é, aliás, frequente fazer-se em língua portuguesa em casos semelhantes, assinalando assim também a acumulação de características parciais do nome ao mesmo tempo que preservava as entidades de sentido distintas (nome e adjectivos). Relativamente à opção ‘magníficas

gavetas de mogno para especiarias' (*splendid mahogany spice drawers*), pareceu-me ser preferível manter um adjetivo antes do nome visto que desta forma poderia mais naturalmente manter a relação de dependência entre 'gavetas' e 'mogno', na construção nominal, introduzindo depois um sintagma preposicional.

Refiro, finalmente, três aspectos que, não tendo oferecido dificuldades de maior, mereceram alguma reflexão: a categoria formal dos verbos, a pontuação e a sintaxe.

No testemunho da memória, os verbos são, como não podiam deixar de o ser, inúmeros: primários, lexicais, modais, semi-modais, preposicionais, *phrasal*, os quais denotam acções, processos, estados, modos, estabelecem a relação dos participantes nos mesmos, introduzem aspecto e voz e expressam sentimentos, atitudes, juízos de valor, ou avaliações. A sua tradução teve em conta a polissemia encerrada em muitos deles, em muito facilitada pelo conjunto de outros meios linguísticos - lexicais ou gramaticais - actualizados no texto. Tal como aconteceu com a tradução de outras categorias formais, naturalmente. Sendo esta uma autobiografia, os tempos verbais mais frequentes são o pretérito perfeito, simples ou composto, o imperfeito ou o mais-que-perfeito composto dos modos indicativo e conjuntivo. Houve casos, no entanto, em que se verifica o uso do presente do indicativo, nomeadamente para indicar estados permanentes, como em:

Página	Original	Tradução
3	The occasion stays in my mind as an exciting mixture of colour,....	Esta imagem ficou gravada na minha memória pela mistura de cores,...

A tradução pelo uso do pretérito perfeito simples não se deve ao facto de que este tempo verbal indica aqui uma acção que se produziu em certo momento do passado, que, *denotador de uma acção completamente concluída, afasta-se do presente*, mas, sim, a de “descrever o

passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente” (Cunha e Cintra 453-4).

Quanto à pontuação, tentei, sempre que possível, respeitar os sinais pausais e melódicos escolhidos por Margaret Thatcher. Houve situações, no entanto, em que a alterei, tentando, mesmo assim, conferir a expressividade da pausa, da entoação e da melodia presentes no original, os quais são contributivos do estilo que a autora manifesta, através de outros sinais.

Página	Original	Tradução
3	...people and thunderous noise – yet perhaps paradoxically, the memory is a pleasant one.	... pessoas e barulho ensurdecedor. Esta é, por estranho que possa parecer, uma recordação muito agradável.
5-6	The family went to Sunday Service at 11 o'clock, but before that I would have gone to morning Sunday School. There was Sunday School again in the afternoon.	A família ia à Missa dominical às 11 horas da manhã, mas antes disso já eu tinha ido à Escola Bíblica Dominical, onde voltava à tarde.

Com efeito, os que escolhi (e a pontuação é quase sempre subjectiva, como se sabe), juntamente com elementos de referência anafórica e de articulador concessivo, como nos dois excertos acima, permitem obter aquele efeito, permitindo também uma boa reorganização dos padrões sintácticos

Relativamente à sintaxe direi que não foi difícil apreender alguns dos padrões usados pela autora, ainda que, em alguns casos, tenha optado por outros na tradução. Na verdade, Margaret Thatcher faz uso frequente de orações apostas e de inversões da ordem dos elementos, para além de casos de frases muito curtas, o que, em alguns desses casos me pareceu poder resolver de forma diferente, permitindo, assim, em minha opinião, uma maior fluidez discursiva. Nessa transformação dos padrões sintácticos, fui por vezes obrigada a recorrer a elementos de intensificação ou a

conjunções ou ainda a mudança de tempo verbal, de modo a poder respeitar a intenção comunicativa, como ilustro abaixo:

Página	Original	Tradução
p.46	On my way back home I met a friend, someone who I had always thought was a staunch Conservative, and said how shocked I was by the terrible news. He was not shocked at all. In fact, he said he thought the news was rather good.	Ao voltar para casa encontrei um amigo, alguém que sempre pensei ser um Conservador convicto, e confessei o quanto estava chocada com aquelas notícias terríveis. Ele, contudo, não se mostrou de todo chocado, afirmando, até, que as notícias eram bastante boas.
p.54	The two material circumstances which had allowed us to fight Hitler all but alone – the existence of huge accumulated overseas investments and the most successful and extensive empire the world had seen – had been lost or greatly diminished as the price of victory in that great struggle.	As duas circunstâncias materiais que nos permitiram lutar sozinhos contra Hitler foram os enormes investimentos acumulados nas colónias ultramarinas, bem como o maior e mais bem sucedido império que o mundo já vira. Mas elas foram perdidas ou em grande parte diminuídas como o preço a pagar pela vitória nessa grande luta.

Concluindo este capítulo, os aspectos mencionados constituem apenas, como referi mais acima, uma pequena amostra do exercício difícil, mas entusiasmante e enriquecedor, que foi o de dar voz em língua portuguesa a uma personalidade por demais conhecida na esfera política. Tentando sempre manter o grau de neutralidade que tal exercício requer, ainda que, como bem se sabe, as palavras, e as formas como se organizam no discurso, nunca sejam neutras.

5. Conclusão

*Seja falar, escrever, olhar sequer,
Sempre inaparentes somos. Nosso ente
Não pode, verbo ou livro, em si conter.
A alma nos fica longe infindamente
(...) Abismos de alma a alma intransponíveis
Por bem pensar ou manha de o parecer.
Ao mais fundo de nós irreduzíveis
(...) Sonhos de nós, as almas lucilantes,
E duns pra outros sonhos doutros antes*

diz¹⁵ o grande poeta português com que encerrei a Introdução a este Trabalho.

Percorrer caminhos da memória de uma personalidade internacionalmente reconhecida não era uma tarefa fácil. Saber como redizê-los, também não. Mas era ao mesmo tempo um desafio encorajador a enfrentar, pois que exigente de diálogos e de acção. E foi-o, de facto. No tentar transpor os *Abismos de alma a alma intransponíveis*.

Obrigou-me esse desafio a ter uma percepção mais nítida da importância do meu papel como mediadora, numa negociação constante entre o entendimento e a tradução das escolhas subjectivas que Margaret Thatcher fez, influenciadas que foram por muitos factores exteriores e interiores em processos de significação específicos. Dando a ver, na narração horizontal da vida, uma imagem de um Eu resultante da intersecção da pessoa, dos factos históricos e da construção textual, num contexto discursivo que é ele próprio ficcionado, envolvendo, tal como o próprio processo de tradução, a transposição de experiência, o refazer do texto original.

De modo a que os horizontes de expectativas do Auditório pudessem ser atingidos, obrigou-me aquele desafio a investigar uma panóplia de temas, de conceitos, de palavras - quais *corpos tocáveis*, como também disse o poeta¹⁶ - a manter um diálogo permanente com outras vozes, com outros textos, frequentemente na solidão própria de quem procura a palavra

¹⁵ Trad. de José Blanc de Portugal

¹⁶ "Livro do Dessasossego" (I) (Bernardo Soares). In: Mourão-Ferreira, D. (1978: 153).

‘certa’, a *alma* que lhe dá corpo. Sabendo, contudo, que ela é sempre mediada pelo subjectivismo que caracteriza o ser humano. E isso sempre assume algum grau de visibilidade. Por isso, obrigou-me ainda aquele desafio a julgar de forma mais crítica o grau de responsabilidade que recai sobre o tradutor em qualquer que seja o domínio de intervenção. Responsabilidade e ética, pois que na recriação textual a produzir, o tradutor tem de saber encontrar um termo de equilíbrio na ‘fidelidade’ a seguir.

Olhando para trás, decorrido que está o tempo de realização desta empresa, vejo que ela valeu a pena. Não porque tenha efectivamente terminado (contrariamente ao título com que encimei estas considerações) mas porque me abriu e permite abrir novos horizontes de expectativas. Acalentando a esperança de que as minhas palavras possam não ser *irredutíveis*.

6. Bibliografia

- AMOSSY, R. (org) (2005) *Imagens de Si no Discurso. A Construção do ethos*.
Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu, Sírío Possenti.
São Paulo: Contexto. [*Images de soi dans le discours*]
- ANDERMAN, G. and ROGERS, M. (1999) *Word, Text, Translation: Liber Amicorum
for Peter Newmark*. Clevedon: Multilingual Matters . P. 18
- BAKER, M. (1992) *In Other Words*. London and New York: Routledge.
- BAKER, M. (ed.) (2001) *ROUTLEDGE ENCYCLOPEDIA OF TRANSLATION
STUDIES* . London and New York: Routledge [1998].
- BASSNET, S. (2002) *Translation Studies*. 3rd ed. London and New York: Routledge.
[1980]
- CRONIN, M. (2006) *Translation and Identity*. New York: Routledge.
- ECO, U. (2003) *Mouse or rat? Translation as Negotiation*. London: Phoenix
- FAWCETT, P. (2001) “Linguistic Approaches”. In: *ROUTLEDGE ENCYCLOPEDIA
OF TRANSLATION STUDIES*. London and New York: Routledge
[1998]. Pp .120-24.
- FRIEDMAN, S. (2004) “Names in Annie Proulx’s *Accordion Crimes* and Close
range: Wyoming Stories and Their Hebrew Translation”. FAULL,
Katherine (ed.). *Translation and Culture*. Lewisburg: Bucknell
University Press.
- GENTZLER, E. (2001) “Contemporary Translation Theories. Revised second edition”.
Clevedon UK: Multilingual Matters Ltd.
- GRAY, R. (1982) “Autobiography Now Author(s)”. In: *The Kenyon Review, New
Series*. Vol. 4. N° 1. Winter. Kenyon College Stable. Pp. 31-55.

HATIM, B. and MASON (1990) *Discourse and the Translator*. London and New York: Longman.

HATIM, B. and MASON, I. (1997) *The Translator as Communicator*. London: Routledge.

HERMANS, T. (1995) "Disciplinary Objectives: The Shifting Grounds of Translation Studies". In: NISTAL, F. y BRAVO, J. (coord.). *Perspectivas de la traducción Inglés-Español*. Valladolid: ICE, Universidad de Valladolid. Pp 9-26

HOWARTH, W. (1974) "Some Principles of Autobiography". In: WILLIAM, L. *New Literary History*. Vol. 5. Nº 2. *Changing Views of Character*. Winter. The Johns Hopkins University Press. Pp. 363-381.

JAKOBSON, R. (1959) "On Linguistic Aspects of Translation". In: VENUTI, L. (ed.) (2004). *The Translation Studies Reader*. 2nd edition. New York and London: Routledge. Pp 138-143.

LAMBERT, J. (2001) "Literary Translation". In: M. Baker (ed.) *ENCYCLOPEDIA OF TRANSLATION STUDIES*. London: Routledge [1998]. Pp 130-133.

LANDERS, Clifford E. (2001) *Literary Translation: a practical guide*. Clevedon, Buffalo, Toronto Sydney: Multilingual Matters

LEJEUNE, P. (2009) 'Le moi est-il international ?'. In : *Biography*. Volume 32, Number 1, Winter.

MOUNIN, G. (1963) *Les problèmes théoriques de la traduction*. S/n: Éditions Gallimard.

MUNDAY, J. (2008) *Introducing Translation Studies. Theories and Applications*. London and New York : Routledge [2001]

- LOURÃO-FERREIRA, D. (1978) *Fernando Pessoa. O Rosto e as Máscaras*. 2ª ed.
Lisboa: ÁTICA.
- NEWMARK, P. (1988) *A Textbook of Translation*. London: Prentice Hall.
- NEWMARK, P. (1991) *About Translation*. Clevedon UK: Multilingual Matters Ltd.
- NEWMARK, P. (1998) *More Paragraphs on Translation*. New Jersey University
Press: Multilingual Matters.
- NIDA, E. (1964a.) *Toward a Science of Translating*. Leiden: E.J. Brill.
- NIDA, E. (1964b.) “Principles of Correspondence”. In: VENUTI, L. (ed.) (2004). *The
Translation Studies Reader*. 2nd edition. New York and London :
Routledge. Pp 154- 67.
- NIDA, E. (1991) “Theories of Translation”. In: *TTR* IV(1). P 19
- NORD, C. (1997) *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches
Explained*. Manchester: St. Jerome.
- OCHS, E. and CAPPS, L. (1996) “Narrating the Self”. In: *Annual Review of
Anthropology*, Vol. 25. Published by: Annual Reviews. Pp. 19-43.
- PÉREZ, M. C. (2007) *El Espejo Traductológico: Teorías y Didácticas para la
Formación del Traductor*. Barcelona: Octaedro.
- PYM, A. and TURK, H. (2001) “Translatability”. In: *ROUTLEDGE ENCYCLOPEDIA
OF TRANSLATION STUDIES*. London and New York: Routledge [1998]. Pp
273-76.
- ROBINSON, D. (2003) *Becoming a Translator. An Introduction to the Theory and
Practice of Translation*. London: Routledge.

SNELL-HORNBY (1995) *Translation Studies: An Integrated Approach*. Amsterdam:

Benjamins. [1988].

STEINER, G. (1992) *After Babel: Aspects of Language and Translation*. Oxford:

Oxford University Press [1975].

VENUTI, L. (1995) *The Translator's Invisibility. A history of translation*. London and

New York: Routledge.

VENUTI, L. (ed.). (2004) *The translation Studies Reader*. 2nd ed. New York and

London: Routledge.

YEBRA, V. (2006) *EXPERIENCIAS DE UN TRADUTOR*. Madrid: Gredos

Gramáticas

CHARAUDEAU, P. (1992) *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris:

HACHETTE Éducation.

Collins COBUILD English Grammar. (2005) Glasgow : HarperCollins Publishers.

CUNHA, C. e CINTRA, L. (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2^a

ed. Lisboa: Edições Sá da Costa.

BIBER, D. *et al.* (1999) *Longman Grammar of Spoken and Written English*. Essex:

LONGMAN

QUIRK, R. (1972) *A Grammar of Contemporary English*. Essex: LONGMAN

Dicionários

Dicionário da Língua Portuguesa. (2008). Porto: Porto Editora.

International Dictionary of English. (1995). Cambridge: Cambridge

University Press.

MACMILLAN English Dictionary. (2002). Oxford: Macmillan Education.

Oxford Dictionary of Foreign Words & Phrases. (2005). Oxford: Oxford University

Press.

<http://www.priberam.pt/dlpo/>

<http://www.infopedia.pt/ingles-portugues/>

<http://www.infopedia.pt/>

<http://www.merriam-webster.com/>

<http://www.highbeam.com/publications/the-oxford-dictionary-of-proverbs-p4654>

Bases de Dados Terminológicas

<http://iate.europa.eu/iatediff/SearchByQuery.do>

Webgrafia

<http://www.margaretthatcher.org/> Acedido em Outubro de 2010

<http://www.number10.gov.uk/history-and-tour/margaret-thatcher-2/> Acedido em Outubro de 2010

<http://www.nriol.com/welcome2uk/politics-in-uk.asp> Acedido em Novembro 2010

http://www.direct.gov.uk/en/Governmentcitizensandrights/UKgovernment/Centralgovernmentandthemonarchy/DG_073438 Acedido em Novembro de 2010

http://dre.pt/ue/reino_unido.html Acedido em Janeiro de 2011

<http://www.learnenglish.de/culture/educationculture.htm> Acedido entre Janeiro e Fevereiro de 2011

<http://www.unl.pt/universidade/historia> Acedido em Março de 2011

<http://www.methodist.org.uk/> Acedido em Outubro de 2010

http://www.igrejametodista.pt/index.php?option=com_content&view=category&id=35:origens&Itemid=63&layout=default Acedido em Outubro de 2010

<http://www.raf.mod.uk/organisation/ranks.cfm> Acedido em Março de 2011

http://www.emfa.pt/www/dispositivo.php?lang=pt&cod=* Acedido em Fevereiro de 2011

http://elycollege.com/academic/portuguese_education_system.php Acedido em Janeiro de 2011

http://en.wikipedia.org/wiki/Sixth_form Acedido em Janeiro de 2011